

## **O relato de Jorge Amado sobre a União Soviética e a manutenção da Paz Mundial<sup>1</sup>.**

EDVALDO CORREA SOTANA<sup>2</sup>

O baiano Jorge Amado aliou a produção de romances a uma profícua atuação política. O escritor realizou inúmeras atividades como membro do Partido Comunista do Brasil (PCB). Produziu textos de teor político, participou de concursos literários, esteve presente em eventos para arrecadar recursos financeiros, atuou como deputado na Assembléia Constituinte e realizou diversas viagens à União Soviética. As duas primeiras viagens ao país dos soviéticos foram descritas no livro *O mundo da paz*<sup>3</sup>. No texto, o escritor ressaltou a organização da sociedade soviética, a vida dos trabalhadores, a educação, a saúde, a segurança, a agricultura e a literatura soviética, bem como os diversos passeios que permitiram descrever tais observações e as visitas as mais diversas associações. Estes não são, entretanto, os únicos temas do relato de viagem. O escritor viajante também debateu o papel dos soviéticos na luta pela paz.

Convém ressaltar, porém, que a sua preocupação com a manutenção da paz mundial também foi manifestada de outras maneiras. Amado também participou do movimento pela manutenção da paz mundial ao dirigir-se aos congressos e ao participar de inúmeros atos públicos no Brasil e no exterior. Cabe delimitar, no entanto, que este breve artigo não pretende tratar da participação do escritor brasileiro nos congressos e nos atos públicos de cunho pacifista. O objetivo central deste texto é refletir sobre as formulações de Jorge Amado, no livro *O mundo da paz*, para representar a União Soviética como “baluarte na luta pela manutenção da paz mundial”.

O escritor comunista Jorge Amado e a sua esposa Zélia Gattai conheceram o território soviético como convidados da União dos Escritores Soviéticos, entre dezembro de 1948 e janeiro de 1949<sup>4</sup>. Os dois viajantes estiveram, muito provavelmente, entre os primeiros brasileiros

que visitaram aquele país após a Segunda Guerra Mundial. Este provável pioneirismo aparece nas memórias de Zélia Gattai, quando lembrou que até 1948: “pouquíssimos brasileiros haviam visitado aquele país socialista, e creio que nós éramos os primeiros a ir, depois do rompimento das relações com o Brasil, em 1947”<sup>5</sup>. A referida visita ocorreu, contudo, de maneira extremamente peculiar. Após a cassação dos mandatos dos deputados comunistas brasileiros, Jorge Amado entregou-se a um exílio voluntário na Europa, quando, residindo em Paris, visitou alguns países das chamadas *Democracias Populares* e a principalmente à União Soviética.

Já a segunda viagem ocorreu em circunstâncias completamente diversas. Jorge Amado e Zélia Gattai, na época morando na Tchecoslováquia, tornaram a viajar a pátria soviética em 1951. O casal Amado embarcou em Praga com o objetivo de gozar um período de férias em Moscou. A idéia da viagem partiu do romancista russo Ilya Ehreburg, que sugeriu o repouso por achar Jorge Amado muito abatido no árduo trabalho de redação do seu livro naquele período, *Os Subterrâneos da Liberdade*<sup>6</sup>.

Em 1952 Jorge Amado viajou pela terceira vez à União Soviética. Um companheiro de viagem salientou a familiaridade de Jorge Amado com os soviéticos e a cordialidade com que era recebido nas entidades de escritores soviéticos<sup>7</sup>. Ainda residindo na Europa, viajou com o objetivo de receber o prêmio Stálin, que lhe fora concedido em dezembro de 1951<sup>8</sup>. O mérito de receber um importante prêmio não gerou alegria apenas no escritor. O jornalista Edmar Morel também lembra que ficou muito contente com a premiação conferida ao escritor brasileiro. Morel informou que encontrou com Jorge Amado naquela ocasião e ficou muito feliz por constatar o prestígio do escritor baiano nos meios literários soviéticos, ou como o próprio jornalista recordou em seu livro de memórias: “Jorge acabara de ser contemplado com o prêmio Stálin da Paz. Suas obras batiam recordes de venda”<sup>9</sup>.

Convém ressaltar, no entanto, que as observações desta última viagem não figuram no livro *O mundo da paz*. Mesmo assim, sua importância para a discussão pretendida reside no

fato do escritor ter sido laureado com o emblemático prêmio “Stálin da Paz”. Certamente, o ritual e a premiação devem ser inscritos dentre os mecanismos simbólicos utilizados pelos soviéticos para cultuar “a personalidade de Stálin”, já que a premiação associava o dirigente à luta pela paz. Deve-se observar, entretanto, que os soviéticos não foram os únicos a cultuar Stálin. O escritor brasileiro também participou ativamente do culto ao governante da União Soviética. Jorge Amado utilizou todo o seu capital cultural para proferir emocionadas palavras na ocasião do falecimento de Stálin em 1953. Cabe informar, no entanto, que o escritor já havia construído uma representação simbólica do líder soviético alguns anos antes, no relato que objetivava retratar as duas viagens iniciais que realizou a União Soviética.

Jorge Amado cultuou Stálin antes mesmo de receber a premiação oferecida pelos soviéticos. Pode-se observar, muito provavelmente, que o teor do discurso contido no relato de viagem pode até ter ajudado na obtenção do “prêmio Stálin da paz”. O relato apresentou Stálin como defensor da paz mundial em diversas passagens. Ressaltou, por exemplo, que o líder soviético era o guia “genial dos povos” e o “artífice genial da sociedade soviética e da paz mundial”<sup>10</sup>. O culto a Stálin não ficou restrito as duas frases. O autor reservou um capítulo inteiro do seu relato para cultuar o líder soviético, intitulando-o, inclusive, “Stálin, mestre, guia e pai”. No referido capítulo, registrou que o governante soviético era o principal condutor da campanha pela paz mundial “na decisão de barrar o caminho dos provocadores da guerra” e “de impedir que eles ataquem a URSS”. Salientou ainda que o governante soviético desfraldava a bandeira da paz como um “comandante, guia, mestre e pai” dos povos<sup>11</sup>.

É possível observar que esta representação não era muito diferente daquelas construídas por outros membros do Partido Comunista do Brasil. Jorge Amado retratou o líder soviético na condição de membro de um partido que admirava profundamente o líder do país que servia como modelo de transformação e de regime político, social e econômico justo e igualitário. Seu discurso não destoante da maioria dos comunistas brasileiros do período. Com

todos os excessos, representava a voz de um escritor que tinha incorporado uma disposição que era comum aos membros do PCB, cultuar Stálin e a União Soviética.

Deve-se salientar, entretanto, que o culto à personalidade de Stálin não é o tema desta reflexão. O interesse desta apresentação recai apenas sobre as representações construídas para salientar o papel da União Soviética na luta pela paz, mesmo considerado que em diversas ocasiões Jorge Amado representou Stálin como o “guia genial dos povos na luta pela paz” ou como “o defensor da paz no mundo”.

O escritor brasileiro apresentou a União Soviética como uma nação que lutava pela manutenção da paz mundial antes mesmo de iniciar o relato da sua viagem. A epígrafe escolhida para abrir o texto ilustra bem esta observação. Antes do início do texto o leitor pode encontrar um poema com o seguinte dizer: “nesta noite escura de turvos assassinos, invoco o teu nome de mariposa e águia, de flor e tempestade e quando digo URSS, ouço o eco dos povos repetindo teu nome traduzido: PAZ significa.” Além destas referências iniciais, o relato contém inúmeras passagens que glorificam o “papel decisivo” da União Soviética no desfecho da Segunda Guerra Mundial. O escritor brasileiro afirmou, por exemplo, que todos os povos do mundo deviam ao “ invencível Exército (vermelho) a liquidação do nazismo, ameaça real contra a independência de todos os países, inclusive do nosso, (...)”<sup>12</sup> Amado ressaltou também que todos os brasileiros se beneficiaram da vitória soviética sobre o nazismo por ter inviabilizado o projeto em que Hitler pretendia transformar os povos por ele considerados impuros em “escravos”<sup>13</sup>

No trecho acima, o romancista considerou fundamental um conjunto de ações bélicas para impor um desfecho ao conflito. Por isso, é possível associar a posição do autor do relato com relação à União Soviética a uma visão pacifista que se define pelo desejo de estabelecer o estado de não-guerra, como bem classificou Norberto Bobbio o próprio termo paz significa a

mais completa ausência, cessação ou solução de tipo muito particular de conflito que é a guerra<sup>14</sup>.

Em outras passagens, Jorge Amado representou mais diretamente o papel pacifista da União Soviética. Convém salientar que até reservou um capítulo do seu relato para tratar do tema. O referido tópico intitula-se “impor a paz, palavra de ordem dos povos”. O escritor demonstrou, por exemplo, que os representantes do amplo “campo dos que lutam pela paz, pelo progresso de suas pátrias, por seus governos realmente democráticos e patriotas, (...) fitam a União Soviética como sua grande esperança, como o baluarte da paz.”<sup>15</sup>. Amado informou, no entanto, que apenas durante a viagem à União Soviética compreendeu “toda a importância e todo o significado da luta pela paz para os soviéticos.” Observou também que o final da guerra não gerou nos soviéticos uma “mentalidade guerreira” ou uma “ânsia de conquistas militares”, mas apenas o desejo de manter a paz. Justamente por isso, informou que tudo que o cidadão soviético desejava, de Stálin ao mais humilde kolkoziano da Ásia Central, era “um largo período de paz, tranqüilidade para prosseguir em seu trabalho de construção. A paz é sua aspiração suprema.”<sup>16</sup> O autor evidenciou ainda que o desejo dos soviéticos em manter a paz não provinha do temor de uma derrota militar, mas da condição de Estado socialista que não tinha interesse pela guerra e que apenas deseja avançar na construção do comunismo<sup>17</sup>. Como registrou em seu relato, impor a paz era uma palavra de ordem dos soviéticos “mesmo que, para isso, tenham de lutar com unhas e dentes, tenham que levantar as pedras dos caminhos “ (p. 63).

O escritor brasileiro concebia, portanto, que a União Soviética teria um único motivo para iniciar um combate nos anos que sucederam a Segunda Guerra Mundial. Jorge Amado defendeu que os soviéticos lutariam apenas em uma situação, para manter a paz mundial. O seu discurso qualifica a luta para preservar a paz mundial como a única que era possível e também justa. O escritor formulou uma genérica idéia de “guerra justa” no seu relato. O termo

“guerra justa” foi alvo de uma breve reflexão do pensador italiano Norberto Bobbio. O filósofo argumentou que a doutrina de guerra justa está “subentendida em todas as declarações oficiais dos governos, principalmente dos governos mais responsáveis pela corrida frenética para armamentos cada vez mais destrutivos e mais incontroláveis, ou seja, para falar claro, em direção à catástrofe.”<sup>18</sup>

Cabe lembrar, igualmente, que numa *nota de apresentação* o escritor ressaltou que o trabalho realizado pelos soviéticos era fundamental na defesa da paz e que seu livro também tinha a intenção de ser útil ao povo brasileiro na luta “contra o imperialismo ianque, pela sua libertação nacional e pela paz.” Além disso, o próprio autor informou que escreveu o livro como “uma contribuição à luta pela paz”.

Desta forma, esta breve investigação procurou demonstrar que Jorge Amado utilizou o seu relato de viagem para produzir representações sobre a União Soviética como “baluarte da paz mundial” e de Stálin como um gênio que guiava os povos na luta pela paz. A descrição de Amado sobre o pacifismo soviético pode ser compreendida ao considerar as tensões geradas pela Guerra Fria. A manutenção da paz mundial também foi um assunto tanto para capitalistas como para comunistas. O pacifismo pode ser considerado um tema recorrente num embate simbólico que pretendia ampliar a influência política dos dois blocos no cenário mundial. Neste contexto, Jorge Amado produziu representações como membro de um determinado espaço social. Por isso, sua posição deve ser entendida como a de um comunista brasileiro que escreveu o relato e depois foi laureado com o *Prêmio Stálin da Paz*. O discurso contido no seu relato de viagem, portanto, deve ser observado como o de um militante político que acreditava naquilo que estava representando e não apenas como um texto produzido por um escritor como instrumento de um eficiente trabalho de propaganda.

---

<sup>1</sup> Texto apresentado ao Simpósio Temático História do Tempo Presente no **XXIII Simpósio Nacional de História: Guerra e Paz**

<sup>2</sup> Mestre em História pela Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Assis. Professor da Faculdade de Presidente Prudente - UNESP/ Presidente Prudente, SP.

<sup>3</sup> AMADO, Jorge. **O Mundo da Paz: União Soviética e democracias populares**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1951.

<sup>4</sup> TATI, Miécio. **Jorge Amado: vida e obra**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1961, p.144-7.

<sup>5</sup> GATTAL, Zélia. **Senhora dona do baile**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997,p. 138.

<sup>6</sup> GATTAL, Zélia. **Jardim de Inverno**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989, p. 105.

<sup>7</sup> LOUREIRO, Orlando. **A sombra do Kremlin**. 2.ed. Porto Alegre: Globo,1954,p.86.

<sup>8</sup> GATTAL, Op. cit. 1997, p. 167.

<sup>9</sup> MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 197.

<sup>10</sup> AMADO, Op. cit. p. 25.

<sup>11</sup> AMADO, Op. cit. p.231 e 234.

<sup>12</sup> AMADO, Op. cit. p. 19.

<sup>13</sup> AMADO, Op.cit. p.63.

<sup>14</sup> BOBBIO, Norberto. **O problema da guerra e as vias da paz**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. p.138-139 e 156-157.

<sup>15</sup> AMADO. Op. cit. p. 43.

<sup>16</sup> AMADO, Op. cit. p. 40.

<sup>17</sup> AMADO, Op. cit. p.49-50.

<sup>18</sup> BOBBIO, Op. cit. p. 31-32.